

**Nós, movimentos de mulheres africanas e organizações lideradas por mulheres, junto com os nossos parceiros regionais e do mundo afora, apelamos aos nossos governos, às Nações Unidas, e à União Africana, que actuem perante a crise climática, para salvar o nosso povo e o nosso planeta!**

A morte e destruição que acompanham o Ciclone Idai, que atingiu Moçambique, Malawi e o Zimbabué há seis dias atrás, continua, uma vez que a chuva e as inundações perduram e dificultam esforços de resgate nestes países com infraestruturas e recursos inadequados. O número de mortes confirmadas continua a subir e, até à data de elaboração deste relatório, passa as centenas de mortos. Moçambique estima um número de óbitos de mais de 1000 pessoas. As infraestruturas foram destruídas, famílias inteiras foram arrastadas pelas inundações, estão a ser preparados vários enterros em massa. Centenas de milhares de pessoas foram feridas e desalojados, e aproximadamente 3 milhões de pessoas foram afectadas nestes três países. Organizações de resgate reportam, cinco dias depois do ciclone, a existência de sobreviventes pendurados em telhados e palmeiras à espera de serem resgatados, enquanto as águas continuam a subir.

Esta tragédia, à qual a Organização Mundial Meteorológica se refere como sendo, provavelmente, o pior ciclone tropical registado no hemisfério Sul, está a acontecer em países que se encontram no ranking dos 30 países mais pobres do mundo. Agora inundados pela água, estes países têm sofrido secas desde 2014. A [ReliefWeb](#) calcula que cerca de 10,8 milhões de pessoas na África Austral estavam em situação de insegurança alimentar agravada no final de 2018, com uma tendência de extensão para 2019. Estes países, e a África Austral, vivem a realidade do desenrolar da crise climática com pouca capacidade, fundos e apoios dos países mais ricos e desenvolvidos do Norte e partes globais do Sul, para a mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

Esta é uma grande tragédia e um desastre, mas não é “natural”; é uma tragédia com origem humana, mas certamente não de todos os humanos da história do mundo. Excluindo a Nigéria e a África do Sul, os outros 52 países em África contribuíram colectivamente só [5,7% do total acumulado das emissões de gases de efeito de estufa](#), desde 1850. Compare isto com o maior emissor individual, os Estados Unidos da América (18,6%) e o seu maior concorrente, a China, com uma emissão aproximada de 11,6% em 2010. Os países que menos contribuíram para a crise climática são os que carregam com os seus maiores fardos. Estima-se que a África subsaariana será a principal afectada pelas mudanças climáticas. Qualquer aumento de temperatura acima dos 1,5 graus reduzirá a produção de milho a metade, em algumas partes de África, e resultará na extinção de 50% dos pássaros e mamíferos de África até 2050. Transformará também mais de 86 milhões de Africanos em “migrantes climáticos”, no mesmo período. O Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (IPCC) reporta que estamos no caminho para alcançar este cenário em menos de 12 anos se continuarmos sem fazer esforços radicais para acabar com as emissões de combustíveis fósseis.

E são as mulheres africanas que carregam e continuarão a carregar o fardo das mudanças climáticas. Em África, 80% da comida produzida vem de camponeses agricultores, na sua maioria mulheres. Problemas de saúde crescem devido à exposição ao calor, malária, má nutrição e diarreia, o que nos leva à estimativa de mais de 250.000 mortes acrescidas a cada ano, entre o período de 2030-2050. Será uma sobrecarga para as mulheres que carregam a maior responsabilidade de cuidar. A migração coloca as mulheres num risco particular acrescido de exploração, abuso e violência sexual. As mulheres enfrentam maiores riscos de [violência doméstica](#), sendo isto uma tendência reportada

na África do Sul, China, Índia e Estados Unidos, quando as famílias têm dificuldades devido à insuficiência de água, comida e rendimentos.

A energia proveniente dos combustíveis fósseis- petróleo, carvão e gás- é responsável por mais de 25% das emissões globais de gases de efeito de estufa, seguida de perto pelo sector de transportes (25%) e pela agricultura de grande escala, que contribui com mais de 11% das emissões globais. A crise climática é alimentada pelo excesso de produção e de consumismo no Norte global e algumas pequenas partes do Sul. Esta produção exige matéria-prima, água e energia para alimentar maioritariamente desejos desnecessários, criados por indústrias trilionárias de marketing e publicidade. A lógica do lucro e a fixação no crescimento económico, que requer o uso em expansão constante de recursos naturais não renováveis, está a levar o planeta e sua população à extinção.

As corporações e os governos dos países ricos, e uma parte da comunidade científica, comprometem o necessário - o fim da extracção de combustíveis fósseis, a desindustrialização da agricultura, e a diminuição brusca do consumismo nas partes mais desenvolvidas do mundo - posicionando-se a favor de falsas soluções para as mudanças climáticas. Mais uma vez, os mais ricos e poderosos tentam controlar as forças da natureza, produzindo nuvens artificiais para criar chuva, fertilizando o oceano com ferro para absorver a luz do sol, e injectando aerossóis na atmosfera para diminuir as temperaturas do planeta, ao invés de diminuir as emissões de dióxido de carbono. Para manter este modelo insustentável de desenvolvimento, uma combinação de segurança militar e segurança de forças privadas faz uso rotineiro da violência, violência sexual, ameaças de estupro e o próprio estupro como “armas” contra as comunidades, nos locais onde as actividades extractivas acontecem. Aqueles que se meterem no caminho do lucro, resistindo à desapropriação, deslocamento e negação violenta de subsistência, bem-estar e a própria vida, são confrontados com violência extrema por essas forças, e as mulheres são particularmente afetadas.

Os mais ricos e poderosos continuam a mentir, a ofuscar e a distrair-nos das reais soluções, enquanto o planeta arde e as pessoas - as mais pobres, mulheres e pessoas de cor - morrem. Estas são pessoas que, na grande lógica industrial do lucro e preservação de privilégios, são dispensáveis!

A crise climática é uma crise para mulheres em todo o mundo, e particularmente para as mulheres em África. É por isto que nós, os movimentos de mulheres e organizações lideradas por mulheres no continente Africano, unimo-nos para dizer NÃO - JÁ CHEGA! Nós levantamo-nos pela defesa do nosso povo, do nosso continente e do nosso planeta como um todo! Nós somos fortes, e estamos unidas e não seremos paradas!

Apelamos aos nossos governos, organizados sob a Organização Pan-Africana, e a União Africana, para se posicionarem de forma clara e firme no que diz respeito à crise climática. Precisamos que se posicionem junto à maioria do seu povo, e às mulheres em particular, que estão a morrer e continuarão a morrer em grandes números, enquanto os países mais ricos e os bancos controlados pelos mesmos falham com o que realmente é necessário.

Apelamos aos representantes dos nossos estados que ponham os seus interesses individuais de lado e que ajam de forma unida, nas negociações da UNFCCC, em outros espaços multilaterais e em negociações bilaterais de comércio e investimento, em defesa do continente e do seu povo. Isto foi o que prometeram às pessoas, e nós acreditamos que vocês podem e vão se posicionar pelo que é necessário.

Apelamos às Nações Unidas que se juntem às nações mais fracas de forma a pressionar os governos mais ricos a agir a respeito dos bancos e corporações, registados sob sua autoridade, que continuam

a investir em energia suja e em projectos extractivos, que são as principais causas da crise climática e ecológica.

As nossas organizações e movimentos de mulheres estão a unir-se em África e além, e continuarão a crescer em número e em força. Esta é a nossa promessa e o nosso compromisso para com o planeta e todas as populações!

Assinado por:

1. WoMin African Alliance, regional network
2. World March of Women, Africa-wide and global
3. Rural Women's Assembly, Southern Africa
4. Justica Ambiental, Mozambique
5. Quote This Woman+ NPC, South Africa
6. Our MMMR-Mozambican Rural Women Movement, Mozambique
7. Kebetkache Women Development & Resource Centre, Nigeria
8. Women Initiative on Climate Change, Nigeria
9. Ahoada League of Queens Farmers, Nigeria
10. Rural Health and Women Development, Nigeria
11. Development Research and Synergy Initiative, Nigeria
12. Centre for Media Development Communications, Nigeria
13. Gbolekekro Women Organization, Nigeria
14. Egi Human Rights Environmental Initiative, Nigeria
15. Centre for Natural Resource Governance, Zimbabwe
16. Southern Africa Campaign to Dismantle Corporate Power
17. Women Concerns Centre, Kenya
18. Alternative Information Development Centre (AIDC), Cape Town, South Africa
19. Namibia Rural Women's Assembly (NRWA)
20. JASS Southern Africa
21. International Rivers Africa Program
22. GenderCCSA
23. African Centre for Biodiversity, regional

24. #UniteBehind, movement Western Cape of South Africa
25. Wacam, Ghana
26. West Africa Human Rights Defenders Network (ROADDH/WAHRDN), Togo
27. Participatory Ecological Land Use Management (PELUM), Uganda
28. Participatory Ecological Land Use Management (PELUM) Kenya
29. Institute for Culture and Ecology (ICE), Kenya
30. Community Action for Nature Conservation (CANCO), Kenya
31. CFFA, Senegal
32. Pietermaritzburg Economic Justice & Dignity Group
33. Justice and Peace Department of the Uganda Episcopal Conference
34. Fellowship of Christian Councils and Churches in West Africa (FECCIWA / ACCEAO), Togo
35. Déborah Network, Benin
36. Trust for Community Outreach and Education (TCOE), regional network
37. Inyanda National Land Rights Movement, South Africa
38. CRSFPC/USOFORAL (le comité régional de solidarité des femmes pour la paix en Casamance), Senegal
39. Association des Organisation Professionnelles Paysannes aux Mali (AOPP), Mali
40. la Fédération des Unions de Coopératives de Producteurs de Riz du Niger (FUCOPRI), Niger
41. Eastern and Southern Africa Small Scale Farmers' Forum, Uganda
42. National Association of Professional Environmentalists (NAPE), Uganda
43. La Coalition Burkinabe des Défenseurs des Droits (CBDDH), Burkina Faso
44. Centre for Alternative Research and Studies on Economic, Social and Environmental issues (CARES), Mauritius
45. Women's Coalition of Zimbabwe
46. Better Poverty Eradication Organization, Kenya
47. Rita Edwards Collective, South Africa
48. Women Initiative on climate change, Nigeria
49. Action for Community Development, Cameroon
50. Coalition of Women Living with HIV/AIDS, Malawi
51. SOFFLECO/Femmes debout, DRC

52. Synergie des Femmes pour les Victimes des Violences Sexuelles (SFVS), DRC
53. Rwanda Women's Network
54. Women's International for Peace and Freedom DRC Section
55. Duterimbere ONG, Rwanda
56. Igiti cy'Ubugingo Center, Rwanda
57. HAGURUKA NGO, Rwanda
58. Friends of Lake Turkana, Kenya
59. Femmes Solidaires (FESO), Kinshasa, DRC
60. SOFEJEP (Solidarité des organisations des organisations des femmes et jeunes producteurs agricoles). DRC
61. ATK-Maniema (Association Tujenge Kwetu Maniema), DRC
62. AFELMA (Association des Femmes Eleveuses du Maniema), DRC
63. SAFI Maniema (Soutien aux Actions des Femmes Indigentes au Maniema)
64. IFDH (Initiative Féminine pour la défense des droits Humains et le Développement), DRC
65. SAFECO (Synergy of Congolese Women's Associations), DRC

## **Worldwide**

1. Climate & Energy Group - MAUSAM, India
2. INDIA-CLIMATE-JUSTICE platform
3. Both ENDS
4. Frontline Defenders, global
5. Ecologistas en Acción, Spain
6. Observatorio Boliviano de Cambio Climático y "Desarrollo" Trenzando Ilusiones (un espacio para la transición) – Bolivia
7. La Asamblea Veracruzana de Iniciativas y Defensa Ambiental (LAVIDA) – Mexico
8. Comité para la Abolición de las Deudas Ilegítimas - ABYA YALA (CADTM – AYNA), Argentina
9. The Global Alliance for Green and Gender Action (GAGGA) that is led by Fondo Centroamericano de Mujeres (FCAM) with Both ENDS and Mama Cash
10. Asociación Interamericana para la Defensa del Ambiente (regional organization in Latin America)
11. Alianza de Comunidades en defensa de los ríos Bobos-Nautla y Tecolutla, A. C. Mexico
12. Modelo Hidráulico para la cuenca baja del río Nautla-Bobos, A. C., Mexico
13. Transnational Institute, global

14. Global Campaign to Reclaim Peoples Sovereignty, Dismantle Corporate Power and Stop Impunity  
([stopcorporateimpunity.org](http://stopcorporateimpunity.org))
15. Friends of the Earth Sweden
16. CCFD-Terre Solidaire, global network
17. FIAN International, international
18. Latin America Peoples Dialogue
19. Gender Action, Washington DC, United States of America